



ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Agressão de assessor de Pablo Marçal em marqueteiro de Ricardo Nunes é o ápice de uma campanha apelativa e de baixo nível

Alerta total após soco em debate

» LUANA PATRIOLINO
» CAMILA CURADO
» FABIO GRECCHI

O soco desferido por Nahuel Medina, sócio e cinegrafista de Pablo Marçal, no marqueteiro Duda Lima, no fim do debate entre os candidatos à Prefeitura de São Paulo promovido pelo Grupo Flow, segunda-feira à noite, acendeu a luz vermelha no Judiciário e na classe política. Ontem, a ministra Cármen Lúcia, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), além de dizer que o ataque físico é uma demonstração de “ensurdecimento retrocesso civilizatório”, cobrou da Polícia Federal (PF), do Ministério Público Federal (MPF) e dos tribunais regionais eleitorais (TREs) que priorizem casos de violência “que se vêm repetindo no processo eleitoral em curso e que afrontam até mesmo a nobilíssima atividade da política”.

“Política não é violência, é a superação da violência. Violência praticada no ambiente da política desrespeita não apenas o agredido; ofende toda sociedade e a democracia”, afirmou a ministra. Logo depois do evento, havia entre os candidatos não apenas indignação, mas, também, uma crítica ao fato de Marçal vir num crescendo de ataques verbais e de incitação à violência, que culminou no soco de Nahuel no rosto do marqueteiro do postulante do MDB, Ricardo Nunes. Ainda no calor do tumulto, nas instalações do Clube Sírio, onde realizou-se o debate, os assessores discutiam duas hipóteses para os próximos compromissos: isolar Marçal, ignorando suas perguntas e comentários, ou pressionar os veículos para que não o convidem (leia mais ao lado).



Política não é violência, é a superação da violência. Violência praticada no ambiente da política desrespeita não apenas o agredido; ofende toda sociedade e a democracia”

Ministra Cármen Lúcia, presidente do TSE

Pelas redes sociais, Tabata Amaral (PSB) deixou claro que o soco em Duda Lima ultrapassou os limites. “Temos que dar um basta. Tudo isso foi plantado. Quem vai para a rua, sabe: Marçal coloca os assessores dele para agredir e constranger. Eles vieram para a violência”, criticou. Nunes publicou mais de 10 vídeos em suas redes sociais relacionados à agressão, trazendo imagens em diferentes ângulos. Postou, também, um vídeo no qual Nahuel intimida assessores de outros candidatos, feito no debate da *TV Cultura* — quando aconteceu a cadeirada de José Luiz Datena (PSDB) em Marçal.

Guilherme Boulos, candidato do PSol, não poupou o influenciador, mas também criticou Nunes. Isso porque, antes do debate do Flow, os dois bateram boca quando seguiram para o estúdio — os seguranças de ambos também se estranharam. “É isso o que acontece quando dois bolsos se encontram”, afirmou. O governador de São Paulo,

Tarcísio Gomes de Freitas — que apoia Nunes —, foi mais um a criticar a agressão cometida pelo assessor de Marçal. “Não dá mais para tolerar o que está acontecendo nesta campanha. Aonde vamos parar com tanta baixaria? As pessoas querem acompanhar o debate de ideias, querem ouvir as propostas que vão melhorar a vida delas. Tudo isso é lamentável”, condenou.

“Esses episódios de violência são atos que atentam contra a democracia. Isso acende um sinal de alerta. A arte de fazer política é a de dialogar com os opostos, com pontos de vista diferentes e que você tenha a capacidade de construir consensos a partir dos dissensos. Se a população parte para um movimento de rompimento e de violência, como administrar as cidades?”, indagou o secretário-executivo adjunto da Frente Nacional de Prefeitas e Prefeitos (FNP), Jeconias Júnior.

A advogada Paula Bernardelli, especialista em direito eleitoral, destaca que a escalada da violência vem se acentuando desde 2018. “Tivemos a ascensão de um discurso muito violento da extrema direita. Alguns círculos eleitorais incentivam esses atos. Há campanhas que têm como estratégia eleitoral o estímulo ao ódio e à polarização”, lamenta.

Horas depois da agressão cometida pelo assessor, Marçal tentou justificar-se dizendo que a eleição é desproporcional e que a agressividade é uma maneira de chamar a atenção do eleitor.

“Sei que ainda sou visto como um imbecil, mas se eu não chamasse atenção, não teria como. Não quero lacrar, mas é a única saída que tenho. Não sou esse idiota. As redes eram minha única vantagem. Essa eleição é desproporcional”, acusou.

Reproduções/Redes sociais



Duda Lima confere algo no celular no momento em que Marçal é expulso



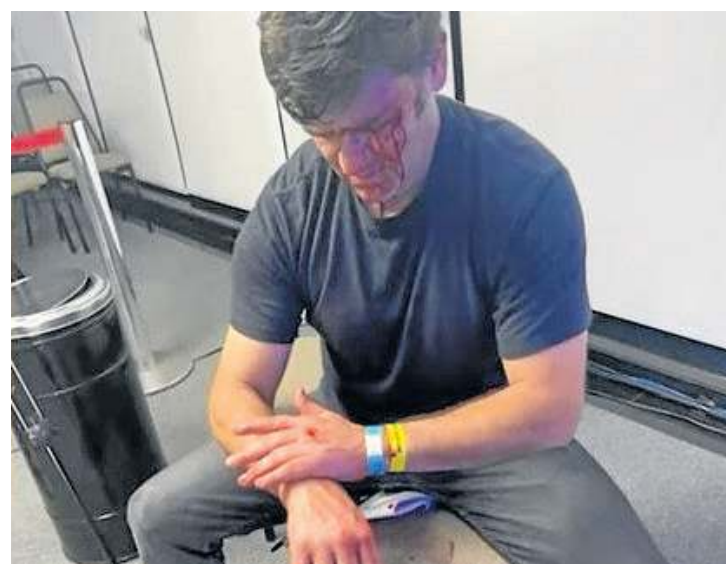
Nahuel Medina, sócio de Marçal, se aproxima do marqueteiro de Nunes...



...e desferiu o soco em Lima, que no momento estava de costas



Depois da agressão, Nahuel tenta fugir do ambiente do debate



Lima foi levado para uma sala com o rosto coberto de sangue

Pressão para não convidar

Logo depois da agressão de Nahuel Medina a Duda Lima, os assessores da campanha levantaram a possibilidade de pressionar os organizadores dos próximos debates entre os prefeiteiros de São Paulo a não convidarem Pablo Marçal. Para isso, se baseiam na lei eleitoral e no fato de o candidato do PRTB vir sendo um fator de desestabilização das discussões.

A regulamentação sobre a participação em debates eleitorais nos meios de comunicação é feita pelo artigo 44 da Resolução 23.610, de 2019, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O texto prevê que as emissoras de rádio e tevê só são obrigadas a convocar postulantes que tenham uma bancada na Câmara dos Deputados superior a cinco parlamentares. A resolução está amparada pela Lei 9.504/1997, cujo artigo 46 prevê: “A participação (nos debates) de candidatos de partidos com representação no Congresso Nacional, de, no mínimo, cinco parlamentares, e (deve ser) facultada a dos demais”.

Além disso, não há nenhuma determinação do TSE referente à punição ou cassação da candidatura em casos de agressão física. Segundo Ademair Costa Filho, professor da Universidade de Brasília (UnB) e especialista em direito eleitoral, se o comportamento agressivo por parte de Marçal continuar, será necessária uma regulamentação mais específica sobre o tema. Mas, por ora, para ele os veículos de comunicação deveriam levar em consideração se convidar o influenciador para os debates é um serviço que prestam ao eleitor.

“No passado, teve um movimento de jornalistas que pararam de cobrir o ex-presidente Jair Bolsonaro no cercadinho (do Palácio Alvorada) como forma de protesto contra as agressões que sofriam. É uma questão de pauta jornalística chamar Marçal para participar”, observa.

Para o também professor da UnB e cientista político Robson Carvalho, Marçal deveria ser excluído dos debates. “A gente não pode naturalizar isso. Quando o debate é rompido com esse tipo de violência, saímos do caminho da política e da democracia para ir em direção à barbárie. (O soco de Nahuel Medina em Duda Lima) parece ter sido premeditado, friamente calculado. E não é a primeira vez. Essas agressões estão tomando proporções cada vez piores”, adverte.

Segundo a advogada eleitoral Izabelle Paes Omena de Oliveira Lima, “a legislação não tem uma previsão direta sobre as situações de violência física, que presenciemos nos últimos debates. Para uma ação imediata, com reflexo nessa eleição, não existe mecanismo que vá dizer que houve um abuso ou uma conduta vedada, que possa cassar registro dos candidatos. Mas existem imputações criminais, que podem ser aplicadas”.

Para as campanhas, a reação de Marçal tem relação direta com o desempenho descendente que vem apresentando nas pesquisas de intenção de votos. Na sondagem divulgada ontem pela Quest, o prefeito Ricardo Nunes (MDB) tem 25%; Guilherme Boulos (PSol), 23%; e Marçal, 20%. Apesar do triplo empate pela margem de erro, se o pleito fosse agora o candidato do PRTB estaria fora do segundo turno.

A agressão de Nahuel a Duda Lima ocorreu pouco depois de Marçal ter sido expulso pelo moderador, o jornalista Carlos Tramontina, por ter infringido três vezes as regras do debate. O marqueteiro de Nunes foi atacado com um soco por trás, que quebrou-lhe a armação do óculos — precisou levar seis pontos no supercílio. Além de registrar boletim de ocorrência, Lima pediu uma medida protetiva contra Nahuel — que deve manter-se a 300m de distância. (LP, CC e FG)

Uma vasta lista de ataques e falsas acusações

A violência incitada por Pablo Marçal, seja verbal ou física, vem desde o começo da corrida eleitoral em São Paulo. Confira.

4 de junho — A primeira vítima dos golpes abaixo da linha da cintura desferidos pelo candidato do PRTB foi em 4 de junho, quando acusou a família de Tabata Amaral de ser responsável pela morte do pai da candidata do PSB. Acusou-a, ainda, de estar fora do Brasil à época, o que também não é verdade. A deputada classificou o ataque de “nojento”.

9 de agosto — No debate na TV Bandeirantes, sempre que se dirigia ao adversário Guilherme Boulos (PSol), colocava o dedo indicador sobre uma das narinas, como se dissesse que o deputado cheirava cocaína. Ao final do evento, verbalizou a acusação. Cobrado pelos jornalistas a apresentar a prova do que dizia, o influenciador

Reprodução/Instagram



disse que a apresentaria “no momento certo”. Marçal se baseava num homônimo do parlamentar, preso por porte de droga em 2001.

14 de agosto — No debate do jornal *O Estado de S. Paulo*, Marçal voltou a provocar Boulos encostando uma carteira de trabalho junto ao seu rosto. O deputado, irritado, tentou tomá-la.

1 de setembro — José Luiz Datena deixa o púlpito e se dirige a Marçal, no debate da *TV Gazeta/Canal My News*, depois de ser acusado pelo influenciador de assédio sexual.

A mediadora Denise Campos de Toledo teve dificuldades em fazer com que o candidato do PSDB não agredisse do ex-coach.

15 de setembro — Depois de chamar Datena de “jack” — gíria das prisões para estupro — e insistir que o adversário respondera a um processo por assédio sexual, Marçal é agredido pelo candidato do PSDB com uma cadeirada.

20 de setembro — No debate do SBT/Terra, Marçal garantiu que sua postura, até então, era para mostrar o “pior” de cada candidato. E que mudaria de comportamento.